

**Um jardim em Mogi Mirim (SP):
Estudo de caso de jardim cultivado pelo próprio morador**

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA
GESTÃO DA PAISAGEM

Leonardo Ferreira de Mello
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
E-mail: leonardo.mello@unesp.br

Solange Moura Lima de Aragão
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
E-mail: solange.aragao@unesp.br

RESUMO

No contexto atual das grandes metrópoles extremamente verticalizadas e com acentuada impermeabilização do solo, algumas cidades do interior se destacam por sua paisagem predominantemente horizontal e pela presença de áreas ajardinadas no interior dos lotes - seja nos quintais ou em frente às residências. Exemplo disso é Mogi Mirim, cidade situada a 59 km de Campinas, no Estado de São Paulo. Entre suas áreas ajardinadas de uso privado, é possível encontrar também jardins cultivados pelos próprios moradores, numa demonstração de afeto, constituição de lugar de memória e atribuição de significados a esses espaços livres. Para a elaboração deste artigo, foi escolhido um estudo de caso bastante peculiar: o jardim do Sr. Marcos, cultivado por ele há quase vinte anos. Como método de pesquisa, foram realizados levantamentos bibliográficos, leituras com fichamentos, levantamentos de campo (com duas visitas ao jardim em questão) e conversas com o proprietário e responsável pelo cultivo diário de todas as plantas. O objetivo foi demonstrar a importância desses jardins cultivados não apenas para a paisagem, mas também para aqueles que os cultivam.

PALAVRAS-CHAVE: Jardins cultivados pelos próprios moradores; dimensão humana na paisagem; pertencimento; afeto; áreas ajardinadas.

ABSTRACT

In the current context of extremely verticalized metropolises with significant soil impermeability, some inland cities stand out for their predominantly horizontal landscape and the presence of landscaped areas within their lots – whether in backyards or in front of residences. An example of this is Mogi Mirim, a city located 59 km from Campinas, in the state of São Paulo. Among its privately owned landscaped areas, it is also possible to find gardens cultivated by the residents themselves, demonstrating affection, creating a place of memory, and attributing meaning to these open spaces. For the elaboration of this article, a rather peculiar case study was chosen: the garden of Mr. Marcos, cultivated by him for almost twenty years. As a research method, bibliographic surveys, readings with summaries, field surveys (with two visits to the garden in question), and conversations with the owner and person responsible for the daily cultivation of all the plants were carried out. The objective was to demonstrate the importance of these cultivated gardens not only for the landscape but also for those who cultivate them.

KEYWORDS: Gardens cultivated by the residents themselves; human dimension in the landscape; belonging; affection; garden áreas.

1 INTRODUÇÃO

Os jardins cultivados pelos próprios moradores constituem espaços onde a natureza, a afetividade, a memória e a expressão artística se entrelaçam; são locais que expressam vínculos emocionais por meio do cuidado diário e contemplação das plantas que os compõem. Esse cultivo realizado pelos próprios moradores transforma o espaço privado em um ambiente vivo, com significados que estão muito além da função ornamental, contribuindo assim para a construção identitária dos próprios moradores.

No atual contexto das cidades brasileiras, esses espaços ajardinados assumem um importante papel, uma vez que correspondem a pequenos pontos de biodiversidade e respiros ambientais em meio às diversas construções e áreas impermeabilizadas. Para além dos benefícios ecológicos, esses espaços estabelecem uma relação com o tempo, tornando-se parte da memória e da história de vida dos moradores locais.

A análise do modo como os moradores se relacionam com seus jardins possibilita o entendimento não apenas da composição da vegetação pretendida, mas também de aspectos subjetivos e simbólicos na manutenção dessas áreas verdes. O cultivo de um jardim se torna, nesse sentido, uma ferramenta associada ao bem-estar, ao lazer e à transmissão de saberes locais de cuidado, enfatizando as relações afetivas vinculadas ao ordenamento e composição do espaço urbano. Exemplo disso é o jardim do Sr. Marcos, em Mogi Mirim, São Paulo, cultivado por ele há quase vinte anos - objeto de estudo deste artigo, cujo objetivo é demonstrar a importância desse jardim na paisagem e para o próprio Sr. Marcos, além de evidenciar as motivações afetivas, culturais e ambientais que moldam o espaço e orientam o cultivo realizado pela família residente.

A cidade de Mogi Mirim está localizada a 59 km de Campinas e a aproximadamente 180 km da capital (São Paulo). Como típica cidade do interior, nas proximidades de Minas Gerais, ainda apresenta um espaço propício ao cultivo de áreas ajardinadas. Trata-se de local pouco verticalizado, com predomínio de edificações térreas conformando uma paisagem horizontal - o que favorece a existência de jardins no interior dos lotes.

Os jardins presentes na cidade de Mogi Mirim encantam pelo afeto. Muitos deles são jardins cultivados pelos próprios moradores, que se destacam na paisagem, com plantas nativas da região no recuo frontal das casas térreas. Além de contribuir para a qualificação da paisagem urbana, esses jardins melhoram o microclima e favorecem a drenagem das águas pluviais, constituindo ainda áreas de socialização, lazer e recreação.

Jardins dos mais variados tipos podem ser encontrados na cidade, desde aqueles com predomínio de plantas ornamentais, até aqueles repletos de elementos e objetos, como anõezinhos de jardim e fontes. É válido também ressaltar a existência do cultivo de plantas para consumo próprio, como temperos, frutos e hortaliças. Apesar da grande variação tipológica, a maioria dos jardins expressa o afeto e o cuidado por parte dos moradores,

sendo cultivada pelos próprios proprietários, que são responsáveis pela rega, manejo e cuidados com as plantas.

Nesse panorama, destaca-se o jardim do Sr. Marcos; lugar de afeto e cuidado. Esse jardim é composto por diversas espécies cultivadas e cuidadas pelo próprio proprietário. É importante ressaltar a relação que se estabelece entre ele e as plantas, as quais são especialmente selecionadas e posicionadas, tornando o jardim um grande espaço de lazer e significados, contribuindo para a qualificação da paisagem e para a preservação de espécies nativas na cidade de Mogi Mirim.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As paisagens são resultados de dinâmicas entre processos sociais e naturais, sendo mais do que formas, materialidades e fisionomias, uma vez que podem constituir partidos de diferentes grupos sociais e seus diferentes modos de vida, possuindo valores e significados distintos para cada um deles. Nesse sentido, a paisagem se transforma em um elemento identitário para seus vivenciadores, contribuindo para a formação de uma esfera de vida pública popular (Queiroga; Campos; Alvarenga; Lemos, 2025). Para Sandeville Júnior (2012), as paisagens são experiências de vida. Desse modo, ignorar a espontaneidade e as intencionalidades desse partilhar de experiências, assim como a tensão e a riqueza, é como caminhar por elas de “olhos fechados”. A paisagem evidencia as possibilidades que ultrapassam a escala do indivíduo e suas relações de convivência, ultrapassando o tempo presente, de maneira a se tornar a paisagem-aprendizagem.

Por outro lado, o termo “jardim” de maneira geral se refere a locais destinados ao cultivo de plantas, podendo ou não apresentar um valor utilitário e para estudo. Existem jardins com as mais variadas dimensões, organizações, desenhos e arranjos. Pode haver o predomínio de plantas ornamentais, flores ou até mesmo da água. Alguns podem ser mais complexos, concebidos com arte, enquanto outros podem ser mais simples, com o uso de objetos simbólicos ou não, em que se destaca a relação de cuidado por parte do proprietário (Aragão, Sandeville Júnior, 2019).

Para Aragão (2009), é possível observar duas possibilidades de jardins: o jardim cultivado pelo próprio morador e o jardim de concepção projetual artística. Em relação ao primeiro, o que predomina é o sentido humano, vinculado ao gesto cotidiano de cuidado, estabelecendo vínculos afetivos com o espaço. No segundo, o que prevalece é a intencionalidade estética, orientada por princípios de composição, linguagem visual e forma. Mesmo com diferenças, ambos revelam dimensões complementares da cultura brasileira, já que expressam de maneiras distintas, modos de ocupar, transformar e atribuir significados ao espaço, mesmo que sejam propostas opostas de transformação do ambiente (Aragão, 2009). É preciso considerar ainda que, historicamente, arte e ambiente mantêm uma interdependência que evidencia como o ser humano transforma e percebe o mundo. A intervenção humana no espaço na maioria das vezes não é neutra, carregando intenções estéticas, simbólicas e de ordem (Sandeville júnior, 1989). Para Abbud (2010), a criação de jardins e espaços verdes é a única expressão artística na qual estão presentes os cinco sentidos do ser humano, envolvendo o olfato, a audição, o paladar, a visão e o tato, promovendo uma vasta experiência sensorial.

De acordo com Barbosa (2010), a criação de áreas ajardinadas não é algo desordenado e sem significado. A criação de jardins é uma técnica artesanal, vinculada à sensibilidade,

com a tentativa de recuperação da presença de elementos naturais no contexto do aumento das edificações. O jardim tem a finalidade da integração do homem com a natureza, proporcionando melhores condições de vida. A saúde mental é um dos benefícios que o contato frequente com a natureza proporciona; a presença de espécies arbóreas e espécies vegetais próximas às comunidades humanas gera inúmeros benefícios psicossociais (Mascaró; Mascaró, 2010).

Nesse sentido, os jardins contribuem para o bem-estar humano, podendo reduzir o estresse ao dar a sensação de controle pessoal e de acesso à privacidade. Além disso, a vivência em jardins estimula o suporte social, fortalece vínculos pessoais e incentiva o movimento e a prática de atividades físicas, reforçando o papel dos jardins como componentes fundamentais para a saúde e qualidade de vida (Sousa, 2016).

A criação de áreas ajardinadas no Brasil traz a possibilidade de cultivar uma rica flora nativa, como uma enorme expressividade. Assim, é possível o uso de plantas com cores vibrantes, de formas irregulares, em que as florações e frutos despertam um grande prazer visual que varia de maneira constante, junto com a distribuição de formas (Marx, 2004).

Segundo o livro *Ensaio Sobre o Jardim* (Aragão, 2008), o sentido humano do jardim está relacionado ao significado que o jardim possui em si e em cada um de seus elementos para o homem. Assim, está diretamente relacionado à memória; à afetividade; aos símbolos; às crenças; à sensibilidade; à observação e costumes, sendo mais expressivo do que o valor estético nos jardins cultivados pelos moradores. Muitas áreas ajardinadas cultivadas por seus proprietários apresentam em sua criação tradições histórico-sociais, reveladas no seu sentido útil e na quase ausência de um valor estético. O valor estético apenas aparece quando a distribuição e organização das plantas e espécies deixa de ser intuitiva e passa a priorizar uma intencionalidade estética.

O acentuado crescimento urbano, com a maior tendência da verticalização das edificações, faz com que um espaço anteriormente ocupado por uma única família, atualmente abrigue um número considerável de pessoas, em áreas que não proporcionam um espaço mínimo de conforto, reduzindo as áreas ajardinadas e dirimindo suas funções (Marx, 2004). O espaço urbano nos últimos anos se construiu em contraposição à natureza, resultando em cidades que modificam e quase eliminam o natural (Kliass, 2006).

Nesse contexto, vale ressaltar que as áreas ajardinadas no interior dos lotes e o jardim mais simples, onde predominam os sentimentos de afetividade, especialmente aquele cultivado pelos próprios moradores, está desaparecendo; vêm sendo substituídos pelos jardins de condomínio, que fica sob cuidados de um jardineiro, sendo pouco frequentado pelos moradores, mas que valoriza a entrada da edificação, de modo a atrair compradores para empreendimentos imobiliários. Assim, o jardim do condomínio não apresenta um sentido humano; não desperta os sentimentos de afetividade como os jardins cultivados pelos próprios moradores (Aragão, 2008).

Assim, muitos jardins acabam sendo produzidos de forma padronizada e com uma finalidade comercial. Estes são concebidos com o intuito de criar desejos de compra, tornando-se mercadorias do setor imobiliário. São jardins controlados e presos em “aquários de vidro”, para serem observados e não percebidos. A visão, desse modo, passa a ser o sentido principal abordado, nesses jardins criados apenas para serem vistos e não vivenciados de maneira prática e pessoal (Bragança, 2021).

Daí a importância dos jardins mais simples, cultivados pelos próprios moradores, principalmente em um país cuja história é sempre de destruição e devastação da

vegetação (Dean, 2010). Além da função ambiental, esses jardins despertam sentimentos de afetividade, com a criação de laços afetivos, com um caráter humano além do estético, envolvendo os indivíduos de modo significativo e integrando o homem com o meio natural, proporcionando melhores condições de vida.

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A pesquisa empregou abordagens distintas, com o intuito de atingir os objetivos propostos. Primeiramente, foi feita uma revisão bibliográfica, utilizando artigos científicos, livros e outros materiais, a fim de aprofundar o tema de estudo. As leituras possibilitaram o embasamento teórico necessário, com textos que tratavam principalmente do jardim, da paisagem e da vegetação nativa do Brasil. Em seguida, foram realizados diversos percursos pela cidade para identificação de um estudo de caso que fosse significativo para a pesquisa. Uma vez escolhido o jardim a ser analisado, foram realizadas duas visitas de campo com registro fotográfico, conversas com o proprietário do jardim e análises visuais. A primeira visita aconteceu em 2023, para uma análise preliminar, e a segunda, em 2025, para verificação de alguns aspectos que ainda precisavam ser esclarecidos. Na sequência, as informações coletadas em campo foram sistematizadas, procedendo-se a uma análise descritiva qualitativa, da composição do jardim, das práticas e manejos com as espécies empregadas, dos benefícios fornecidos aos moradores, além dos métodos de manutenção e rotina diária de cuidados.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

O jardim do Sr. Marcos, com aproximadamente vinte anos de cuidados, se caracteriza por ser um espaço formado por plantas ornamentais, com o predomínio de espécies tropicais. O local possui aproximadamente novecentos metros quadrados, sendo composto por inúmeras espécies, todas devidamente posicionadas e selecionadas. Todo o jardim é composto por plantas dos mais variados portes, alturas, cores e texturas, as quais em conjunto formam uma composição única, aguçando os cinco sentidos humanos.

Na residência onde o jardim está localizado, vivem três moradores: o Sr. Marcos, de 60 anos, sua esposa e seu filho. A família utiliza o espaço de diversas maneiras, seja como local de descanso e contemplação, área de lazer ou prática de hobby, espaço com apelo ecológico, além de área de cultivo e preservação de plantas nativas.

Segundo relatos do proprietário, ele mesmo criou o jardim, escolheu e plantou todas as espécies vegetais - de árvores a forrações. As espécies tropicais foram utilizadas visando o mais fácil cuidado e cultivo. Além disso, de acordo com o Sr. Marcos, ele utilizou como fontes de inspiração para o desenvolvimento de seu jardim expedições nas serras brasileiras, em uma tentativa de replicar a vegetação natural encontrada e observada nessas expedições.

O Sr. Marcos dispõe, todos os dias, de aproximadamente uma hora para os cuidados com o jardim, especialmente na estação de secas, satisfazendo todas as necessidades do cultivo, evidenciando ainda mais a relação de afeto e cuidado com o espaço, não sendo seu jardim algo apenas superficial e estético, mas área de expressão artística, de lazer, sentimento e pertencimento.

O jardim se distribui por todo o lote, ocupando o recuo frontal, os recuos laterais e o recuo posterior, sendo o recuo frontal o local que recebe os maiores cuidados, como se observa na maioria dos jardins da cidade. O fechamento com grades em vez de muros possibilita a visualização de grande parte do jardim, encantando todos aqueles que passam em frente à residência.

Logo na entrada principia o jardim. Caminhos de pedras compõem esse espaço, facilitando o deslocamento de veículos e pedestres, além de conectar partes de todo o lote. Muda de Jasmim Manga (*Plumeria rubra*) são posicionadas como ponto focal, acompanhadas por mudas de bromélias perenes, conhecidas popularmente como “Barba de velho” (*Tillandsia usneoides*), de modo a unir toda a composição. A *Tillandsia usneoides* é inserida em quase todas as árvores e palmeiras de maior porte, sendo devidamente pendurada e amarrada para seu desenvolvimento. Sua forma irregular e alongada traz movimento para o jardim, e com o vento e a brisa acaba tornando o cenário de certo modo tocante, de uma forma teatral e dramática.

Figura 1 e 2: Presença da “Barba de velho” (*Tillandsia usneoides*) no jardim do Sr. Marcos, Mogi Mirim, SP, 2023.



Fonte: Leonardo Mello, 2023.

Árvores e palmeiras compõem toda a extensão do jardim, com suas copas e folhas criando locais sombreados propícios ao cultivo de espécies que não necessitam de exposição solar direta. Assim, canteiros irregulares de vegetação são criados, destacando-se o uso constante de folhagens ornamentais e plantas epífitas. O emprego de orquídeas e bromélias marca todo o espaço, colorindo a paisagem com suas florações de cores alegres e vibrantes, presentes nos canteiros até cobrir grande parte do tronco de certas espécies vegetais arbóreas.

É válido mencionar o uso na composição do jardim de Vandas, Cattleyas, e as mais variadas espécies de orquídeas, com as mais variadas cores e aromas. Também se destaca o uso da bromélia Porto seguro (*Aechmea blanchetiana*), da palmeira Washingtonia (*Washingtonia filifera*), da Agave Dragão (*Agave attenuata*), e de muitas outras espécies de folhagens tropicais. Constata-se, ainda, o uso de vasos na composição do jardim, principalmente junto à área avarandada da casa, como uma zona de transição do ambiente interno para o ambiente externo com a grande vegetação.

Figuras 3 e 4: Presença de orquídeas e bromélias na composição do jardim do jardim do Sr. Marcos, Mogi Mirim, SP, 2025.



Fonte: Leonardo Mello, 2025.

Por toda a extensão do jardim, observa-se a preocupação com a escolha das espécies e o posicionamento das plantas, de modo a criar um ambiente harmônico e agradável, com espécies nativas e tropicais. Assim, esse espaço se torna um espaço de lazer e relaxamento, com as mais variadas cores, texturas, aromas e formas.

5 DISCUSSÃO

O estudo de caso anteriormente apresentado ratifica a importância dos jardins cultivados pelos próprios moradores e seus significados. A análise desses espaços evidencia o papel do jardim nas vivências, experiências e conhecimento dos indivíduos. Nesse lugar de cuidado e afeto se constrói a relação mais profunda e sentimental entre o ser humano e a paisagem, onde se realizam as atividades diárias e de relaxamento, onde o indivíduo constrói a paisagem ao mesmo tempo em que tem sua essência construída por ela, com todos os seus significados.

No caso específico do jardim do Sr. Marcos, percebe-se a intensa relação entre o indivíduo e a paisagem. A prática cotidiana de cuidados com o jardim se torna habitual, como parte da rotina. Esse momento de cuidado das espécies vegetais acaba se tornando algo simbólico, pleno de afeto e cuidado, e ao mesmo tempo uma atividade de relaxamento e descontração. Isso se torna extremamente importante no contexto atual, de verticalização das cidades e perda de espaços de cultivo, ou até mesmo em contextos em que indivíduos desejam possuir jardins e áreas ajardinadas apenas por status social e para a demonstração de riqueza, não existindo nenhuma conexão ou relação simbólica e afetiva com o jardim existente.

Assim, é notória a importância dos jardins cultivados pelos próprios moradores no contexto da dimensão humana na paisagem, em que se demonstra a importância na construção da formação dos indivíduos a partir das relações criadas com os espaços. Os jardins, nesse caso, funcionam como mecanismo de pertencimento, compartilhamento de vivências, socialização e criação de laços afetivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jardins são espaços livres que ainda integram e compõem as paisagens de muitas cidades brasileiras. Apresentam diversas dimensões, traçados variados, composições e arranjos por vezes únicos. Parte desses jardins continua sendo cultivada pelos próprios moradores, contribuindo, por um lado, para a qualificação da paisagem e, por outro, para a permanência de práticas e costumes relacionados à cultura brasileira. Esses jardins se tornam para os seus proprietários lugares de memória e de afetividade, que fazem parte do seu cotidiano pela necessidade do cuidado diário ou da constante manutenção. Por sua beleza ou pelos elementos que os compõem, atraem o olhar dos transeuntes - sejam crianças, jovens ou adultos. Por essa razão e também pelo seu papel ambiental - tanto para a flora como para a fauna urbana, esses jardins devem ser preservados e incentivados no cenário atual da cidade brasileira, que se verticaliza e cada vez mais tem sua área impermeabilizada.

Nesse artigo, apresentou-se como exemplo o jardim cultivado pelo Sr. Marcos, na cidade de Mogi Mirim, onde predominam espécies tropicais e nativas, demonstrando-se a intensa relação de afeto e cuidado que se cria a partir do cultivo de áreas ajardinadas. A análise evidenciou ainda que a partir da relação direta do cultivo dos jardins se torna notória a valorização da dimensão humana na paisagem: o indivíduo ao mesmo tempo constrói e tem seu significado construído pela paisagem. Além disso, ratificou-se a ideia de que os jardins são locais fundamentais para a construção da identidade e da sensação de pertencimento, em um contexto cada vez mais complexo e difícil, tendo em vista a crescente especulação imobiliária nas cidades do Brasil, em particular do Estado de São Paulo.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens**: guia de trabalho em arquitetura paisagística. 4. ed. São Paulo: Senac, 2010. 206 p. Ilustrações: Hélio Yokomizo.

ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre o jardim**. São Paulo: Global, 2008. 186 p.

ARAGÃO, Solange de. Jardim e cultura. Revista História & Perspectivas, [S. l.], v. 22, n. 41, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19240>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ARAGÃO, Solange de; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. O jardim de objetos: introduzindo a questão. **Paisagem e Ambiente**, [S.L.], v. 30, n. 44, p. 156470, 27 nov. 2019. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2019.156470>.

BARBOSA, Antonio Carlos da Silva. **Paisagismo, Jardinagem e Plantas Ornamentais**. 7. ed. São Paulo: Iglu, 2010. 231 p.

BRAGANÇA, Luciana Souza. **Jardins possíveis**. 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU), Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KLIASS, Rosa Grena. **Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão**. São Paulo: Senac, 2006. 221 p. Texto de Ruth Verden Zein.

LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. **Plantas Ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2001. 1088 p.

MASCARÓ, Lucia; MASCARÓ, Juan Luis. **Vegetação Urbana**. 3. ed. Porto Alegre: Masquatro, 2010. 212 p.

MARX, Roberto Burle. **Roberto Burle Marx Arte e Paisagem: conferências escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2004. Organização e comentários: José Tabacow.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; CAMPOS, Ana Cecília Mattei de Arruda; ALVARENGA, Daniela das Neves; LEMOS, Isabela Sollero. Por um paisagismo popular: reflexões para a pesquisa, a prática e o ensino de arquitetura da paisagem. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, v. 36, n. 55, p. e233411, 2025. DOI: [10.11606/issn.2359-5361.paam.2025.233411](https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2025.233411). Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/233411>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SANDEVILLE JÚNIOR, E. (1989). Arte e ambiente numa condição contemporânea - o espaço/ação de uma nova sensibilidade. **Paisagem e Ambiente**, 3, 79-107. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i3p79-107>

SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. Paisagens Partilhadas. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, n. 30, p. 203–214, 2012. DOI: [10.11606/issn.2359-5361.v0i30p203-214](https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i30p203-214). Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/78117>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SOUSA, S. F. F. **Jardins Terapêuticos em Unidades de Saúde**. Mestrado em Arquitetura, Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/13093/1/TESE_SaraSousa_2016.pdf. Acesso em: 15 nov. 2025.